

Rachel de Queiroz

Filha de uma família de grandes latifundiários, Rachel nasceu em Fortaleza. Sua infância e adolescência tiveram como cenário a capital cearense, Rio, Belém do Pará e a fazenda do pai. Favorecida pelo ambiente intelectual familiar, adquiriu uma cultura muito superior a das mulheres de sua época. Com quinze anos, terminou o curso de normalista e logo começou a colaborar com a imprensa do Ceará. Em 1930, lançou o seu mais célebre romance, *O quinze*, que causou sensação no país tanto pela idade da autora quanto pelo fato de ser uma narrativa fortemente social escrita por uma mulher. (A literatura feminina até ali compunha-se de textos subjetivos e açucarados). Convertida ao marxismo, como quase toda a sua geração, aderiu ao PCB, onde ficou dois anos, até que dirigentes do partido se puseram a criticar asperamente os originais de seu segundo romance, *João Miguel*, tentando proibir-lhe a publicação. Rachel abandonou então o PCB e se filiou a uma tendência trotskista, na qual permaneceu até meados dos anos 40. A partir daí, dedicou-se mais à traduções e ao jornalismo, tornando-se cronista de *O Cruzeiro*, a grande revista brasileira da década de 50. Nos anos 60, suas posições políticas ficaram cada vez mais conservadoras, a ponto de ter sido uma das poucas figuras intelectuais que apoiou indiscriminadamente o regime militar. Em 1977, rompendo velho tabu, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Obras principais: *O quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminho de pedras* (1937), *As três Marias* (1939), *Memorial de Maria Moura*

As narrativas de Rachel de Queiroz estão bem sintonizadas com o espírito da geração de 30:

A valorização do universo regional.

A ideologia modernizadora que acompanha a "pré-consciência do subdesenvolvimento"

A ênfase nos aspectos sociológicos da realidade.

O QUINZE

A exemplo de *A bagaceira*, *O quinze* (que é o seu romance mais conhecido) articula-se a partir de dois planos, profundamente ligados entre si. O plano social, que consiste na apresentação dos efeitos da seca sobre os sertanejos, o que é feito de forma admirável, e o plano individual, baseado nas experiências de uma moça, *Conceição*, que intenta definir sua identidade numa sociedade patriarcalista. Por isso mesmo, recusa-se a casar com um jovem proprietário rural, chamado *Vicente*, a quem ama, mas com o qual não está disposta a viver, porque viver com ele significaria abandonar o seu mundo urbano e os seus interesses culturais. É a primeira atitude feminista de nossa literatura.

No plano social, além das pungentes descrições da adversidades causadas pela seca, há uma ênfase no desvelo filantrópico de *Conceição* pelos retirantes. Ela chega inclusive a adotar uma criança, mas, no conjunto do texto, não atinge um verdadeiro entendimento político para entender os horrores do Nordeste, isto é, não compreende que a miséria tinha razões mais fundas que o cataclismo da natureza.

OUTRAS OBRAS

Esta compreensão política aparece em *Caminho de pedras*, quando a heroína *Noemi* fecha o romance assumindo a luta social de seu marido - um preso político. Ou seja, Rachel de Queiroz exalta a participação feminina na vida pública.

Em *João Miguel*, o narrador acompanha o drama de um homem simples que, sob efeito momentâneo do álcool, assassina um desafeto e vai para a prisão. O relato é sobre os conflitos pessoais de *João Miguel* no cárcere e tem bons momentos narrativos.